

A neve

Veronica Stigger¹

Uma mulher está completamente nua sentada diante de um enorme espelho, no canto esquerdo do palco, de costas para a plateia. Entre ela e o espelho, há uma pequena mesa, em cima da qual se acha uma série de objetos de toucador, como grampos de cabelo, batom, pó de arroz, blush, rímel, lápis para os olhos, além de um estojo com lentes de contato azuis e um frasco de soro fisiológico. Ela escova vagarosamente os longos cabelos castanhos, enquanto olha, através do espelho, para o público que entra no teatro. Quando a plateia já está acomodada nas poltronas, começa a falar, de costas, encarando o público através do espelho.

MULHER

Em 24 de agosto de 1984, nevou em Porto Alegre. Há mais de setenta anos não nevava na cidade. Houve quem dissesse que era o fim dos tempos.

Ela para de se pentear e olha para si mesma no espelho. Passa então a fazer uma touca, enrolando o cabelo em torno da cabeça e prendendo-o com grampos. Não tem pressa. Quando o cabelo está todo preso, envolve a cabeça com uma tira feita a partir de uma meia cortada e se vira para o público.

MULHER

A neve começou no início da tarde. Mais exatamente às três horas. E durou cerca de trinta minutos. No final da manhã, em vez de

1 Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP).

a temperatura aumentar, como sempre acontecia, ela abaixou, e começou a chover. Em princípio, era uma chuva fina, chata, daquelas em que não adianta usar guarda-chuva, porque a água entra por baixo e nos molha toda. Não demorou a apertar: os pingos ficaram mais grossos e mais constantes. Mas ainda estava longe de se tornar uma tempestade. Era apenas uma chuva forte. Bem forte. Torrencial. Porém sem vento, sem granizo, sem selvageria. Apenas água caindo do céu.

Ela se levanta e caminha pelo palco antes de voltar a falar como se buscasse lembrar dos eventos que narra.

MULHER

Fazia dois graus quando a chuva deixou de ser líquida e se transformou em outra coisa – uma coisa nunca vista, rara, uma imagem do impossível. Tímidos flocos brancos começaram a descer bailando do céu, como se por capricho de algum deus. Ou como se o mágico da praça central, cansado dos velhos truques e da desatenção de todos, resolvesse, de uma hora para outra, surpreender os passantes. Os flocos se precipitavam em câmara lenta. Exibidos. Pareciam saber que entrariam para a história. Custou para as pessoas acreditarem que o que caía do céu era neve. O próprio Instituto de Meteorologia demorou a confirmar. Neve, na capital, era uma espécie de lenda. Não acontecia. Não devia acontecer. Ninguém que eu tenha conhecido se lembrava da neve de 1910. Tinha gente que se lembrava do cometa Halley naquele ano, mas não se lembrava da neve. E se estava nevando de novo depois de tanto tempo, devia significar alguma coisa. *(Breve pausa)* Houve quem lembrasse que 1984 era ano bissexto e achasse que isso poderia ser uma explicação.

Pausa. Sai de cena e volta com uma pilha de roupas, todas pretas, em cima da qual se vê uma peruca loira. Deposita a pilha em cima da cadeira e se volta para a plateia.

MULHER

Lembro que fazia frio, muito frio, mas não um frio insuportável. Embora meu nariz estivesse vermelho, ele não escorria. E eu ainda não tinha colocado minhas luvas. Por baixo da minha jaqueta nova de náilon, usava apenas um blusão de tricô, de quadrados coloridos, que havia ganhado, na Páscoa, da minha avó, mãe da minha mãe. O casaco de lã uruguaia, que minha outra avó tinha me dado e que por anos me protegeu, já não servia mais em mim.

Pausa. Começa muito lentamente a se vestir.

MULHER

Lembro também que, quando começou a nevar, todos saíram para a rua, sem se preocupar em levar guarda-chuva ou qualquer outro tipo de proteção. Queriam ver de perto os flocos brancos que se precipitavam do céu. Os que não correram para a rua escancararam as janelas e colocaram os braços para fora para sentir o toque da neve. Foi o acontecimento do ano. Depois daquele dia, nunca mais ninguém da família falou do sequestro do meu pai.

Para de se vestir, se aproxima da plateia e baixa o tom de voz, como se fosse contar um segredo.

MULHER

O sequestro do meu pai foi um assunto sempre contado baixinho, com alguma maledicência, pelos cantos escuros da casa. Nunca se soube o número certo de homens que o levaram numa noite fria de agosto. Eu era muito pequena. Não me lembro de nada. Minha mãe diz que chorei bastante. Ela não sabia como me acalmar. Só pensava em me esconder para que não me levassem junto. Semanas depois, meu pai reapareceu. Silencioso. Sujo. Machucado. E sem saber dizer o que aconteceu, como se sua memória tivesse sofrido um corte. No fim de semana anterior à neve, ouvi a história pela última vez. Foi lá em casa, em volta da mesa do jantar. Minha mãe tinha comprado comida

pronta no supermercado e havia feito um pavê aguado para sobre-mesa. Os amigos do meu pai ficaram impressionados com a história, embora, no fundo, achassem que era tudo invenção. Lembro que eu e minha melhor amiga ouvimos tudo caladas. Quando fomos dormir, deixamos a luz do quarto acesa. Nos abraçamos forte e enroscamos nossas pernas na cama. Naquela noite, nós rezamos, talvez pela primeira vez, como a professora tinha nos ensinado na escola.

Pausa. Sai de cena e volta com uma santa nas mãos, a qual deposita num canto do palco.

MULHER

Foi o acontecimento do ano. Depois da neve, não se falou sobre mais nada. Só se falou sobre a neve. Era como se a neve tivesse coberto tudo.

Pausa. Ela volta a se vestir.

MULHER

Mas não era uma neve de verdade, uma neve como estávamos acostumados a ver na televisão ou no cinema. Ela não vinha em profusão, nem se acumulava nas calçadas. Era uma neve para lá de fajuta. Quando se aproximava da gente, se desmanchava toda. Não dava nem para ver que ela era branca. Mas houve quem dissesse que, nas partes altas da cidade, bem longe de onde eu morava, a neve cobriu os capôs dos carros e a vegetação rasteira.

Faz um muxoxo, como se não acreditasse no que diz.

MULHER

Muita gente disse muita coisa. Tudo sempre em torno da neve. O jornal do outro dia trazia a imagem de duas crianças, sorridentes e muito mal agasalhadas. Talvez fossem crianças de rua. Elas estavam fazendo um boneco de neve. Mas era um boneco pequenininho, ma-

grinho, desconjuntado, de não mais de dez centímetros de altura. Mesmo nas partes altas da cidade, não havia neve suficiente para fazer bonecos maiores.

Pausa. Sai de cena e volta com um par de botas pretas de cano alto. Senta-se no divã e começa a calçá-las enquanto fala.

MULHER

Dizem que, em 1879, nevou de verdade. Nevou por dias e dias seguidos sem parar. Foi a maior nevasca da história do país. Dizem que nevou tanto que, em Vacaria, a uns duzentos quilômetros de Porto Alegre, chegou a se formar uma camada de mais de dois metros de espessura. As vacas ficaram enterradas na neve, só com os chifres de fora.

Pausa. Já vestida, ela vai até a frente do espelho e começa a se maquiar.

MULHER

Nunca vou esquecer que a neve de 1984 caiu numa sexta-feira. Na segunda, um colega apareceu na escola com um *tupperware* lacrado. Um *tupperware* preto, fosco. Nunca tinha visto um *tupperware* escuro, muito menos preto. Até a tampa era preta. Acho que o meu colega havia pintado o *tupperware*. Ele dizia que tinha neve lá dentro. Mas não dava para ver se era verdade. Ele não abriu o pote para nos mostrar. Aliás, ele nem nos deixava chegar perto. Abraçava com força o *tupperware* e nos dava chutes, para nos afastar. Uma menina, que veio por trás dele, acabou sendo mordida. A marca dos dentes do meu colega ficou impressa na pele dela por semanas. A mãe da menina foi até a escola pedir a expulsão do meu colega, mas não conseguiu. “É um bom aluno”, disse o diretor, “só tira notas boas, ao contrário da sua filha.”

Maquiada, pega o estojo de lentes de contato e as coloca enquanto volta a falar.

MULHER

Claro que não devia ter neve no *tupperware*. Não tinha como ter neve. Ela derreteria. Mesmo que fosse uma neve de verdade, daquelas que se acumulam por dias e dias e dias nas calçadas, ela não resistiria até segunda-feira, não naquela temperatura que era fria, mas nunca abaixo de zero. O máximo que poderia ter ali dentro era água. Mas meu colega não dava o braço a torcer. Dizia que tinha neve no pote, sim, que era a neve que ele havia recolhido na sexta-feira, a neve que havia caído sobre a cidade e que tinha deixado todos embasbacados. O meu colega era o único que havia guardado a neve. A única lembrança da neve de 1984 estava com ele – ele nos dizia. “Morram de inveja, seus bastardos”, gritava ele para nós, abraçado ao *tupperware* preto. “Morram de inveja”, repetia ele, do outro lado da sala, atrás de uma barricada de cadeiras e mesas escolares que ele havia feito para que não nos aproximássemos de sua preciosa neve. “Morram!”

Suspira.

MULHER

Ele passou a semana indo à aula com aquele *tupperware* preto. Onde ia, levava o tal *tupperware*. Se ia ao banheiro, ia com o *tupperware*. Se ia para o pátio, ia com o *tupperware*. Se jogava futebol, colocava o *tupperware* no pescoço. Ele improvisou uma espécie de coleira que o permitia carregar o *tupperware* no pescoço. Era de fato um ótimo aluno, que conseguiu aproveitar como ninguém as aulas de economia doméstica. Ele não se separava do seu pote de neve. Era como um talismã. Nos primeiros dias, implicávamos com ele, dizendo que não tinha neve nenhuma ali dentro e que ele era um baita mentiroso, como o pai dele. Ele fazia careta e nos mostrava a língua. Na outra sexta-feira, na sexta-feira posterior à neve, ninguém parecia dar mais bola para o *tupperware* preto do meu colega. Mas ele continuava a levá-lo para o colégio. Quando se sentava na sala de aula, colocava o *tupperware* em cima da mesa, do lado do seu estojo de metal.

Ela se vira para a plateia, já com as lentes azuis nos olhos.

MULHER

Minha melhor amiga se aproveitou de um momento de distração dele e pegou o *tupperware* de cima da mesa, em plena aula, e saiu correndo pela sala. Ele não teve dúvida: saiu correndo atrás. Todos nos levantamos e nos pusemos a torcer por ela. Alguns subiram nas mesas e começaram a dançar, festejando que alguém tivesse finalmente sequestrado o *tupperware*. Minha melhor amiga e meu colega batiam nas cadeiras enquanto corriam. A professora tentava em vão conter a turma. Era a professora de inglês, e ela, apesar de todo o caos, gritava conosco na língua que tentava nos ensinar. “*Sit down! Sit down!!*”, berrava ela com seu sotaque de lugar nenhum. Ninguém dava bola. O meu colega conseguiu agarrar minha melhor amiga pelos cabelos. Antes de caírem no chão, ela atirou o pote para outro colega, que o abriu. *(Pausa)* Um grande silêncio se fez. Até a professora parou de gritar em inglês. Também ela estava curiosa. Todos correram para ver de perto o que tinha dentro do *tupperware*. *(Pausa mais longa)* Não havia neve. Não havia água. Não havia nada. O pote estava completamente vazio. Sempre estivera. Minha melhor amiga foi a primeira a começar a rir. Ainda caída no chão, ela ria com o riso solto das crianças. A risada contagiou a turma. Em pouco tempo, estavam todos rindo, gargalhando. Em meio ao riso, percebi que meu colega estava estirado no chão, de bruços, com as pernas tortas. *(Deita-se no chão e reproduz, enquanto fala, os gestos do colega do tupperware)* Era como se um tiro pelas costas o tivesse derrubado. Ele chorava, com a cabeça escondida entre os braços. Seus ombros sacudiam com os soluços. Parecia um bebê: pequeno, frágil, indefeso. Não havia ninguém ali para protegê-lo.

Levanta-se, vai até a cadeira, pega a peruca e a leva na mão até a boca de cena.

MULHER

(Encarando a plateia, como se a desafiasse) Aquele colega do *tupperware*, na verdade, era eu.

Ela coloca a peruca na cabeça e sai.